

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

ANTIGUIDADES DE TORRES NOVAS. 2.^a PARTE. ESTAÇÃO PRÉ-HISTÓRICA DAS LAPAS.

ALMEIDA, Fernando de; FERREIRA, O. da Veiga

Ano: 1959 | Número: 69

Como citar este documento:

ALMEIDA, Fernando de; FERREIRA, O. da Veiga, Antiguidades de Torres Novas. 2.^a Parte. Estação pré-histórica das Lapas. *Revista de Guimarães*, 69 (3-4) Jul.-Dez. 1959, p. 501-510.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Antiguidades de Torres Novas

II. Parte (1) — Estação pré-histórica das Lamas.

Estação pré-histórica das Lamas

Por D. FERNANDO DE ALMEIDA e
O. DA VEIGA FERREIRA

Situação e história dos achados

A volta do ano de 1938, ao ser demolida uma casa velha, apareceram dispersos pelo chão, quando abriram os alicerces para nova construção, os objectos pré-históricos a seguir estudados. A estação fica mais ou menos a 50 metros a N. das grutas das Lamas.

Estas grutas são o resultado da exploração de pedra e hoje nada têm de interesse pré-histórico. É natural que tivessem sido pequenos abrigos ou grutas naturais ocupadas em remotas eras pelo homem primitivo.

O saudoso Padre Jalhay identificou, pela primeira vez, o espólio desta estação que hoje se guarda no Museu de Torres Novas; publicou duas notas⁽²⁾ sobre algumas peças, mas não chegou a pronunciar-se sobre o resto do material. Nós estudámos já os objectos encontrados em estações romanas vizinhas e concluimos agora o estudo dos materiais do Eneolítico e do Bronze existentes neste Museu; o espólio mais abundante faz parte da estação das Lamas.

Agradecemos, mais uma vez, aos Srs. Director e Conservador do Museu de Torres Novas todas as facilidades concedidas para levarmos a bom termo a nossa tarefa.

(1) D. FERNANDO DE ALMEIDA e O. DA VEIGA FERREIRA. — «Antiguidades de Torres Novas — I Parte». A publicar no *Archivo Esp. de Arqueología*.

(2) E. JALHAY (1934) — «A adaga da Quinta da Romeira». *Brotória* Vol. XIX. Lisboa.

Material das Lamas

Sílex

Dezasseis lâminas: cinco delas estão retocadas em ambos os bordos, sendo três de dorso rebatido. Uma tem denticulações nos dois bordos. Cinco sem retoques, das quais, duas com plano de percussão preparado. Quatro incompletas, sem qualquer pormenor digno de registo. Uma lâmina espessa tendo em um dos bordos o córtex da rocha e no outro retoques. Plano de percussão preparado. As cores destas 16 lâminas vão desde o quase negro até ao branco; é digna de nota, entre as sem retoques, uma de sílex róseo de grande beleza.

Dimensões da lâmina maior, sem retoques: comp. 162mm, larg. máx. 20mm, esp. 4mm; da maior, retocada: comp. 128mm, larg. máx. 31mm, esp. 7mm.

Quatro lascas, uma delas tem metade do córtex e apresenta o outro bando bem retocado. Comp. 61mm, larg. máx. 28mm, esp. 6mm.

Pequeno elemento de dente de foice talhado em um fragmento de lâmina de sílex castanho escuro, com os dois bordos retocados com denticulações do tipo dos elementos de dentes de foice dos arredores de Lisboa (Liceia⁽¹⁾, Olelas⁽²⁾, Negrais⁽³⁾, etc.). Comp. 29mm, larg. máx. 17mm, esp. 5mm.

Duas alabardas de sílex; uma é triangular, de base recta, com vestígios de chanfro de encabamento junto à base. Sílex castanho. Toda a peça é admiravelmente bem retocada. Tipo Folha de Barradas⁽⁴⁾ e Monte Abraão⁽⁵⁾. Alt. 154mm, base 74mm, esp. máx. ao centro 17mm.

(1) CARLOS RIBEIRO (1878) — *Notícia de algumas estações e monumentos pré-históricos*, Lisboa.

(2) E. PRESCOTT VICENTE e E. CUNHA SERRÃO — (1951) — «O castro Eneolítico de Olelas» — *Trab. da Soc. de Antrop. e Etnol.* Vol. XIII — Fasc. 1-2. Porto.

A. DE MELLO NOGUEIRA — (1933) — *Estação pré-histórica de Olelas*, Lisboa.

(3) E. PRESCOTT VICENTE e E. CUNHA SERRÃO — (1956) — «Note préliminaire sur la station enéolithique de Negrais» — *Congreso Int. de Ciênc. Pré- y Prot.* Actas de la IV Sesión. Zaragoza.

(4) CARLOS RIBEIRO — (1880) — *Estudos Pré-históricos em Portugal*, II. Lisboa.

(5) *Ibidem*.

tro 11mm. A outra é também triangular, bordos convexos, base recta com grandes retoques alternos e bordos retocados irregularmente. É de cor cinzenta. Tipo Casa da Moura—Cesareda (1). Alt. 127mm, base 100mm, esp. máx. 11mm.

Enxó encabada, de calcário sacaroide. É diferente das enxós votivas encabadas, da península de Lisboa (2), mas é, no entanto, um tipo novo de enxó votiva encabada. Comp. da enxó 70mm, comp. do cabo 46mm, diâmetro do cabo na parte superior 34mm x 27mm; na ponta 22mm x 18mm.

Alfinete de osso; com cabeça postica, tipo vulgar em estações neolíticas. Comp. total actual 72mm, diâmetro da cabeça 12mm, diâmetro do corpo 5mm.

Duas placas de xisto gravadas. A primeira é uma placa completa de xisto ardosiano claro, com furo de suspensão cónico; gravada só em uma das faces com faixas de triângulos em reticulado fino, terminadas por faixas paralelas, um pouco oblíquas, separadas, a meio, por um triângulo liso; comp. 140mm, larg. máx. 91mm, larg. mín. 71mm, esp. 4mm.

A segunda placa é também de xisto ardosiano escuro, incompleta (falta-lhe a parte superior). Ornamentação: triângulos de reticulado largo, seguindo-se uma espécie de bocas de lobo, uns reticulados, outros não. Comp. actual 102mm, larg. 90mm, esp. 6mm.

Quatro machados de ambibolito negro esverdeado, tipo tosco, mal afeiçoados e mal polidos, sendo um do tipo triangular. Em três deles o gume é perfeito, sem vestígio de uso. Dimensões do maior: comp. 23mm, larg. 48mm, esp. 51mm. Estas duas últimas medidas são tomadas a meio. Do mais pequeno: comp. 85mm, larg. no gume 47mm, esp. máx. 28mm.

Uma enxó de xisto anfibólico zonado, mal polida e afeiçada, gume perfeito sem vestígios de uso. Comp. 124mm, larg. máx. 52mm, esp. a meio 18mm.

(1) Colecção do Museu dos Serviços Geológicos de Portugal.
 (2) O. DA VEIGA FERREIRA e J. CAMARATE FRANÇA — (1958)

— «A estação pré-histórica da Samarra (Sintra) — Jornadas arq. de Sintra» — Com. Serv. Geol. de Portugal. T. XXXIX. Lisboa.

Cerâmica Um vaso feito com argila de barro branco, tipo da cultura da serra da Estrela, com abertura elíptica. Um vaso hemisférico de barro negro, fabricação rude, bordos espessos do tipo dolménico. Abertura 92^{mm}, alt. 50^{mm}, esp. no bordo 7^{mm}.

Vaso de forma elíptica, em forma de calote craniana; barro preto, fabricação muito rude, bordos espessos mas muito fragmentados. Diâmetro na boca 108 x 80^{mm}, alt. a meio 42^{mm}.

Outro vaso, também de forma elíptica de barro vermelho; falta-lhe cerca de um terço. A pasta é mais fina que a dos vasos anteriores e os bordos também menos espessos. Abertura 118^{mm} x 75^{mm}, alt. 42^{mm} (1).

Fragments de um quarto vaso de cerâmica muito rude.

Outros materiais do Museu pertencentes a épocas que vão do Neolítico ao Bronze.

Oito machados de anfibolito polido (ou xisto anfibólico) encontrados na gruta da Casa da Moura (Cesareda) durante as escavações de Nery Delgado. Dimensões do machado maior: comp. 122^{mm}, larg. 52^{mm}, esp. 40^{mm}. Dimensões do mais pequeno: comp. 95^{mm}, larg. no gume 54^{mm}, esp. a meio 29^{mm}.

Um escopro espesso. O material é de xisto anfibólico. Comp. 23^{mm}, larg. 20^{mm}, esp. a meio 32^{mm}.

Dois machadinhos de cobre de tipo primitivo. Provém da Casa da Moura (Cesareda). Dimensões do maior. 85^{mm}, larg. no gume 33^{mm}, larg. no talão 16^{mm}, esp. a meio 8^{mm}. Dimensões do mais pequeno: comp. 51^{mm}, larg. no gume 21^{mm}, larg. no talão 17^{mm}, esp. 3^{mm}.

Dois machados de anfibolito provenientes de Mira d'Aire. Dimensões de um deles: comp. actual 110^{mm}, larg. a meio 40^{mm}, esp. a meio 44^{mm}. (Est. I, N.^o 1 e 7).

Um machado de bronze de dupla aselha (ambas partidas). O alvado é quadrado. Tipo Bronze II atlântico.

(1) Sobre estes vasos de abertura elíptica apresentámos ao 1º Congresso Nacional de Arqueologia, em 1958, uma comunicação.

tico (1). Foi encontrado perto de Porto de Mós. Comp. 137^{mm}, larg. no gume 45^{mm}, diâmetro do alvado 30^{mm}. (Est. II, n.º 11)

Uma adaga de bronze proveniente da Quinta da Romeira, freguesia de S. Vicente do Paúl, junto a Casével. Esta magnífica peça pré-histórica foi estudada pelo saudoso Padre Jalhay, que dela nos deixou uma pormenorizada notícia (2). Dimensões da adaga: comp. 312^{mm}, larg. na base 78^{mm}, espigão de encabamento 60^{mm} (Est. II, n.º 17).

Um machado de pedra polida (anfibolito), espalmado, de tipo evoluído, encontrado nas Moitas de Cima (Minde). Comp. 120^{mm}, larg. no gume 70^{mm}, esp. a meio 18^{mm}. (Est. I, n.º 4).

Peça de grande comprimento de anfibolito, de forma cónica, com vários sulcos longitudinais e vestígios de afeiçoamento. Encontrada na gruta da nascente do Almonda em 1933 (3) e oferecida ao Museu pelo Sr. José Pedro Couto Tavares. Comp. 510^{mm}, diâmetro na ponta 15^{mm}, diâmetro na base 30^{mm}.

Considerações sobre o espólio atrás referido

Nesta rubrica faremos algumas considerações sobre o espólio da jazida das Lapas que nos merece maior atenção, pois pertence a um conjunto de materiais encontrados no mesmo local e fazendo, por certo, parte de uma sepultura destruída.

Duas peças, em especial, merecem ser postas em evidência: as magníficas alabardas de silex (Estampa I, n.º 8 e Estampa III, n.º 18). A n.º 8 é da mesma forma e técnica, embora um pouco mais ovalada, que as da gruta da Casa da Moura (4) existentes na coleção do Museu dos Serviços Geológicos de Portugal. A n.º 18 lembra muito a alabarda do monumento da Folha das

(1) J. M. SANTA OLALLA (1946) — *Esquema paleontológico de la Península ibéricana*. Madrid.

(2) E. JALHAY (1934) — «A adaga da Quinta da Romeira». *Broteria* Vol. XIX, pág. 22. Lisboa.

(3) MANUEL HELENO (1933) — *Notícia de algunos instrumentos neolíticos de grande comprimento*. *Ensaios de Arqueología*, III. Lisboa.

(4) Coleção do Museu dos Serviços Geológicos de Portugal.

Barradas (Granja do Marquês) (1), também existente no citado Museu.

As duas placas de xisto (Estampa II, n.º 9) e Estampa III, n.º 19, são do tipo corrente nas estações da península de Lisboa (2).

As placas de xisto das Lapas têm semelhança com as de Sesimbra e com as restantes da península de Lisboa e de Setúbal e são, em nosso entender, resultantes do contacto de povos litorânicos com os da cultura dolménica do interior. Em dois trabalhos publicados em tempos por um de nós, tornamos bem clara, segundo cremos, a destrinça destas culturas ou grupos culturais do Neolítico em Portugal (3).

Outra peça de grande raridade encontrada nas Lapas é a pequena enxó encabada de calcário (Estampa III, n.º 20) cuja forma se afasta um pouco das conhecidas na península de Lisboa, mas que nem por isso é menos interessante. Até agora estas enxós votivas de calcário haviam sido assinaladas só no Baixo Tejo e Sado (4). A identificação desta, bastante mais para Norte, não deixa de constituir uma novidade, e da-nos a esperança de poderem aparecer mais, noutras jazidas, sobretudo em regiões onde o calcário se possa conservar, isto é, em terrenos que não sejam excessivamente ácidos.

A cerâmica encontrada é de tipo dolménico, sendo de notar os dois vasos de abertura elíptica, objecto já

(1) CARLOS RIBEIRO (1880)—*Estudos pré-históricos em Portugal*.

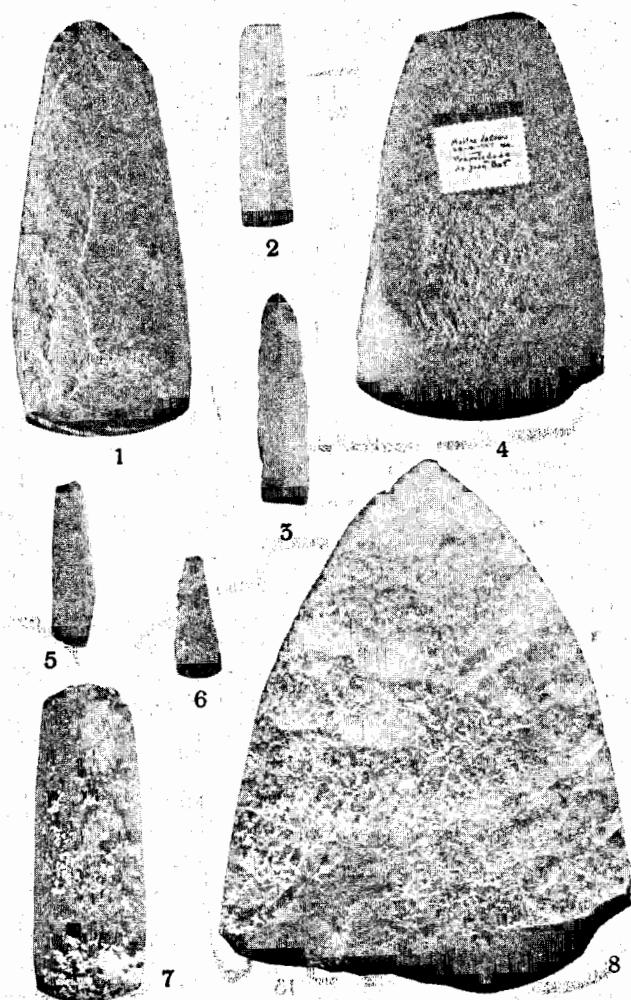
(2) Ao coligirmos a bibliografia para esta nota, estranhámos uma afirmação que lemos num dos trabalhos do Dr. Cunha Serrão. Diz aquele autor, em «Investigações arqueológicas na região de Sesimbra», a propósito do desenho n.º 2, que as peças ali representadas pertencem à cultura das antas alentejanas. Mais nos parece que devem pertencer ao que temos denominado cultura mista.

(3) O. DA VEIGA FERREIRA e A. RODRIGUES CAVACO (1952)—«O monumento pré-histórico do Lousal (Grândola)». *Com. Serv. Geol. de Portugal*. T. XXXIII. Lisboa.

O. DA VEIGA FERREIRA (1955)—«Acerca da cultura do vaso campaniforme em Portugal». *Trab. da Soc. Antrop. e Etnol.* Vol. XV. Fasc. 1. Porto.

(4) O. DA VEIGA FERREIRA e J. CAMARATE FRANÇA (1958)—«A estação pré-histórica da Samarra (Sintra)». Trabalho atrás citado.

EST. I



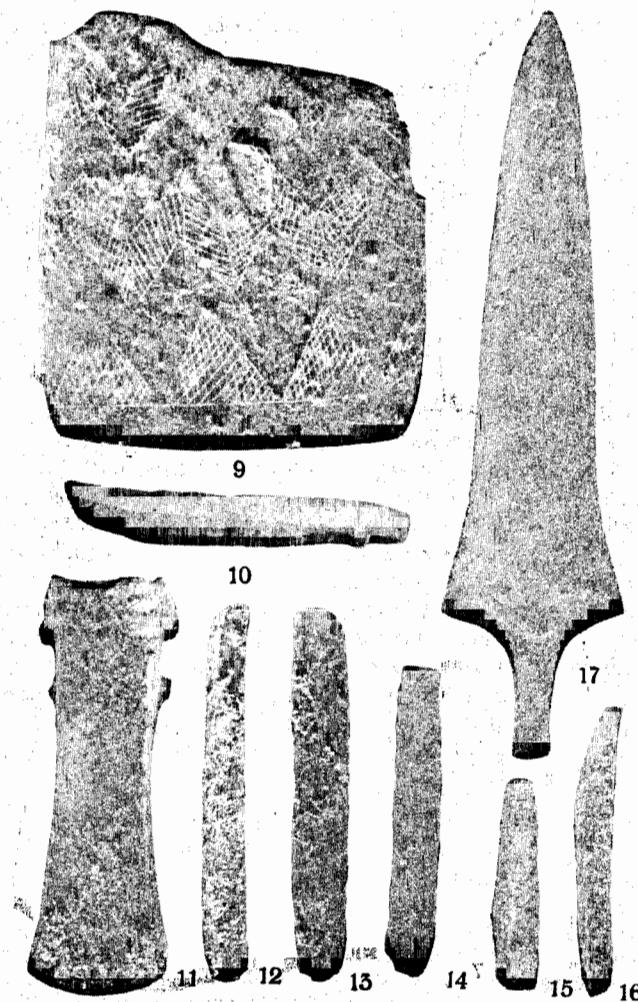
1, 4 e 7—Machado de pedra polida de Mira d'Aire.

2, 3, 5 e 6—Lâminas de silex, das Lapas.

8—Alabarda de silex, das Lapas.

1/2 do tam. nat. aprox.

Est. II



9—Placa de xisto, gravada, das Lapas.

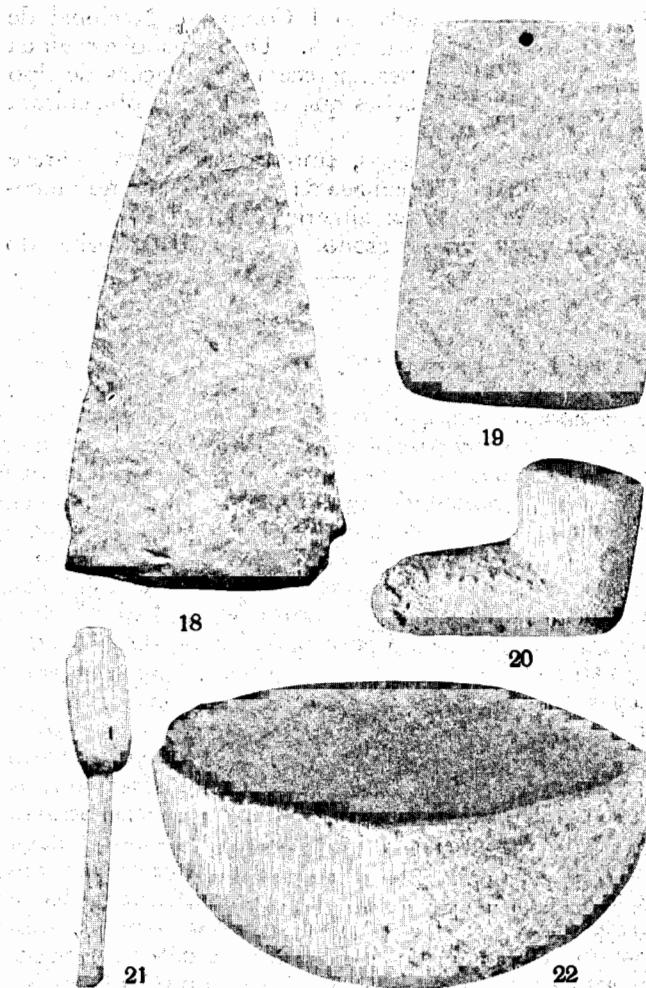
10, 12, 13, 14, 15, e 16—Lâminas de silex, das Lapas.

11—Machado de bronze de dupla aselha, de Porto de Mós.

17—Adaga da Quinta da Romeira.

$\frac{1}{2}$ do tam. nat. aprox.

EST. III



18—*Alabarda de silex, das Lapas.*

19—*Placa de xisto, gravada, das Lapas.*

20—*Enxó encabada de calcário sacaroide, das Lapas.*

21—*Alfinete de osso com cabeça postica, das Lapas.*

22—*Vaso hemisférico, das Lapas.*

$\frac{1}{3}$ do tam. nat. aprox.

de uma nota apresentada ao I Congresso Nacional de Arqueologia, em Lisboa, 1958. Devemos dizer ainda sobre estes vasos que eles aparecem em estações de tipo Almeria (¹), ou em estações que designamos por cultura mista.

O conjunto das Lapas, embora incompleto, parece pertencer, portanto, à chamada cultura mista, com influências dolménicas e talvez almerienses.

Podemo-la situar, cronologicamente, à volta do ano 2000 a. C.

(¹) GEORGES e VERA LEISNER (1943) *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel*. Berlim.

Vidé colecção dos Serv. Geol. de Portugal: Furninha (níveis superiores), Cascais, Carvalhal e, sobretudo, Casa da Moura (Cesareda).